Conjecturas

DOI: 10.53660/CONJ-1355-W18

Depressão entre os trabalhadores desempregados no Brasil em tempos de pandemia

Depression among unemployed workers in Brazil in times of pandemic

Roberta Zaninelli do Nascimento[1]*, Ana Carolina Santana Vieira[1], Gabriel Soares Bádue[1], Denisson da Silva Santos[1], Barbara Vitória dos Santos Torres[1], Mayres Lane Pequeno dos Santos Silva[1].

RESUMO

A COVID-19 acometeu vários países ao redor do mundo, com um impacto sócio-econômico e com várias pessoas desempregadas em decorrência da situação pandêmica, tendo em vista as medidas de isolamento social que ocasionaram o fechamento de vários estabelecimentos. Com o desemprego, consequência em um tempo de crise, se tem o desenvolvimento de acometimentos mentais, como a ansiedade e a depressão, inferindo na qualidade de vida do indivíduo. Objetivou-se discutir o acometimento mental entre os trabalhadores desempregados durante a pandemia. Foi realizado um estudo transversal com dados secundários coletados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) COVID-19, realizada pelo IBGE entre maio e novembro de 2020. No último semestre de 2020, cerca de 14% da força de trabalho brasileira estava desocupada, onde a taxa de ocupação entre maio e novembro, foi de 10,7% para 14,2%. Em relação à estimativa de desocupados com diagnóstico de depressão no Brasil, o gênero feminino foi mais acometido. Houve associação do desemprego com o acometimento por desordens mentais, ansiedade e depressão, sendo algo mais predominante em mulheres de baixa renda.

Palavras-chave: Pandemia; Depressão; Desemprego;

ABSTRACT

COVID-19 has affected several countries around the world, with a socio-economic impact and with several people unemployed as a result of the pandemic situation, in view of the social isolation measures that caused the closure of several establishments. With unemployment, a consequence in a time of crisis, there is the development of mental disorders, such as anxiety and depression, inferring the quality of life of the individual. The objective was to discuss the mental impairment among unemployed workers during the pandemic. A cross-sectional study was carried out with secondary data collected from the National Survey by Household Sample (PNAD) COVID-19, carried out by the IBGE between May and November 2020. In the last semester of 2020, about 14% of the Brazilian workforce was unemployed , where the occupancy rate between May and November went from 10.7% to 14.2%. Regarding the estimate of unemployed people diagnosed with depression in Brazil, the female gender was more affected. There was an association of unemployment with mental disorders, anxiety and depression, being more prevalent in low-income women.

Keywords: Pandemics; Depression; Unemployment.

[1] Universidade Federal de Alagoas
*E-mail: roberta.zaninelli@eenf.ufal.br

INTRODUÇÃO

A pandemia da COVID-19 tem acometido todos os países, gerando mortalidade e morbidades, além de impacto sócio-econômico de extrema relevância, evidenciado em todos os continentes (RAIFMAN; BOR; VENKATARAMANI, 2021). O Brasil representa o terceiro país no mundo com o maior número de acometimentos por COVID-19, até meados de abril de 2021, cerca de 14 milhões casos e 375 mil óbitos foram notificados no país (HOPKINGS, 2021).

Advindo a pandemia, uma crise econômica estabeleceu-se, ocasionando uma série de desempregos. Nos Estados Unidos, por exemplo, em duas semanas cerca de 10 milhões de pessoas ficaram desempregadas. Assim, além da crise sanitária vigente, uma das consequências da pandemia é o aumento do desemprego (COSTA, 2020).

Segundo a OIT (Organização Internacional do Trabalho), as primeiras categorias de classe trabalhadoras a serem demitidas são as que exercem trabalhos precários como os terceirizados, garçons e trabalhadores de cozinha (COSTA, 2020).

Ainda, as medidas de bloqueio adotadas por vários países, como o distanciamento social, fechamento de escolas e universidades, proibição de eventos de massa e de aglomerações, restrição de viagens e transportes públicos, proibição da circulação nas ruas, exceto para a compra de alimentos e medicamentos ou a busca de assistência à saúde, entre outras, tiveram repercussões que afetaram 2,7 bilhões de trabalhadores, representando cerca de 81% da força de trabalho mundial. Um exemplo do impacto de tais medidas na vida dos trabalhadores é o número de solicitações de auxílio desemprego registradas nos Estados Unidos da América no início de abril de 2020, de aproximadamente 6,6 milhões (COSTA, 2020).

No Brasil, o desemprego é evidenciado pelos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que no primeiro trimestre de 2020 indicavam a presença de 12,9 milhões de pessoas desempregadas (BITENCOURT; ANDRADE, 2021).

Dentre a geração de impactos sócio-econômicos ocasionados pelo alto número de desempregados, encontram-se a diminuição dos empregos formais, os contratos precários de trabalho - terceirização, contratos informais, uberização e o não recebimento do FGTS (Fundo de Garantia por Tempo de Trabalho), estimulando a insegurança e agravando sobremaneira o surgimento de transtornos mentais dentre eles a depressão (ANTUNES, 2020; RAIFMAN; BOR; VENKATARAMANI, 2021). Ademais, muitos são os estudos

que referem que após a infecção por COVID-19, as pessoas podem desenvolver perda de memória, distúrbios do sono, aumento dos níveis de estresse, ansiedade e depressão (RAONY, 2020).

Com isso, advindos da rápida evolução do desemprego e da escassez de recursos, o isolamento pode favorecer o aparecimento de diversos transtornos mentais, dentre eles a depressão (SHADER, 2020).

Outras consequências também podem surgir e que podem impactar o aspecto emocional do trabalhador, como a desmoralização por ausência de vínculo, também associado a não capacidade do provento familiar (SHADER, 2020).

Nesse ínterim, o estudo justifica-se pela necessidade de conhecer o quão atingida foi a classe trabalhadora, em particular os desempregados, pelas desordens mentais ocasionadas no decorrer da pandemia da COVID-19, principalmente àqueles que perderam seus empregos durante a situação pandêmica vivenciada. Assim, este artigo objetiva discutir sobre o acometimento mental entre os trabalhadores desempregados em tempos de pandemia.

MÉTODOS

Trata-se de um estudo transversal a fim de analisar o impacto da pandemia na saúde mental da classe trabalhadora brasileira, em especial os desempregados. Foram utilizados dados secundários coletados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) COVID-19, realizada pelo IBGE entre maio e novembro de 2020 a fim de estimar parâmetros ligados à sintomas de Síndrome Gripal decorrente da COVID-19, bem como avaliar os impactos socioeconômicos da pandemia. Considerando os objetivos do presente trabalho, restringimos nossa análise à taxa de desocupação e estimativa de diagnósticos de depressão entre os trabalhadores desocupados, que foi desagregada por sexo, cor/raça e idade. A série temporal analisada com as informações sobre a taxa de desocupação vai de maio a novembro, enquanto as estimativas de depressão só estão disponíveis a partir de julho.

Seguindo a metodologia utilizada pela PNAD, em relação ao mercado de trabalho, a população brasileira é distribuída entre quatro categorias: abaixo da idade de trabalhar, fora da força de trabalho, desocupados e ocupados. Nesse contexto, a população considerada no presente estudo é formada pelas duas últimas categorias. São consideradas ocupadas as pessoas que possuem vínculo formal de trabalho, atuam na informalidade ou

possuem negócio próprio. Já as desocupadas são as pessoas com idade para trabalhar que não estão trabalhando mas estão procurando emprego (IBGE, 2022).

Foi realizada uma análise descritiva dos dados, sendo calculadas as frequências relativas, medidas de tendência central e variação das variáveis quantitativas cujas distribuições foram apresentadas por meio de gráficos e tabelas. A análise foi realizada no software R versão 4.0.3.

RESULTADOS

Esta seção responde analiticamente a seguinte proposta: O quão atingida foi a classe trabalhadora pelas desordens mentais ocasionadas no decorrer da pandemia da COVID-19, principalmente àqueles que se encontram em situação de desocupação durante a situação pandêmica. Propomos responder em duas partes. A primeira corresponde a analisar a taxa de desocupação e o diagnóstico de depressão durante a pandemia e a segunda se propõe a analisar o quanto essa taxa varia de forma desagregada, considerando as variáveis sexo, raça e idade.

A tabela 1 apresenta a distribuição da população brasileira entre cada uma das quatro categorias consideradas pelo IBGE nas inferências sobre mercado de trabalho, incluindo as estimativas realizadas na PNAD do quarto trimestre de 2020.

Tabela 1 - Distribuição da população brasileira de acordo com as divisões do mercado de trabalho, 4º trimestre de 2020.

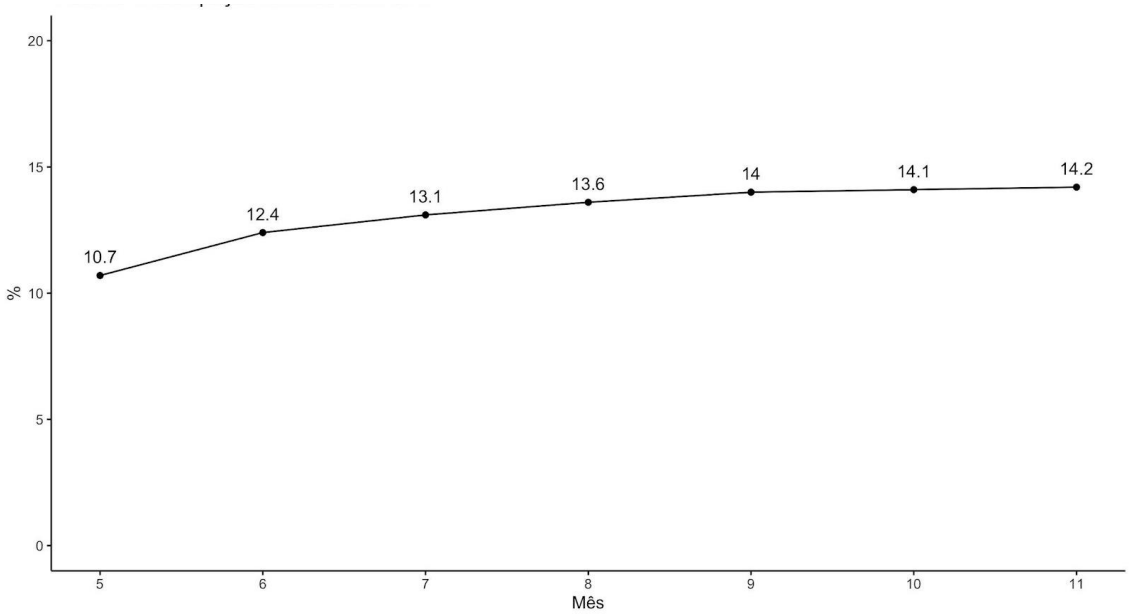
Categorias	nº de pessoas, em milhões	%
Abaixo da idade para trabalhar	35,3	16,7
Fora da força de trabalho	76,2	36,0
Desocupados	13,9	6,6
Ocupados	86,2	40,7
Total	211,6	100

Fonte: Elaboração própria com dados do IBGE.

Considerando que a população analisada corresponde às duas últimas categorias dispostas na tabela 1, estamos tratando de aproximadamente 100 milhões de trabalhadores, que correspondem a 47,6% da população brasileira. Nesse universo, no último semestre de 2020, cerca de 14% da força de trabalho brasileira estava desocupada. O resultado foi piorando ao longo do ano, como é possível verificar no gráfico 1, que ilustra a escalada da taxa de ocupação entre maio e novembro, período em que o índice saiu de 10,7% para 14,2%.

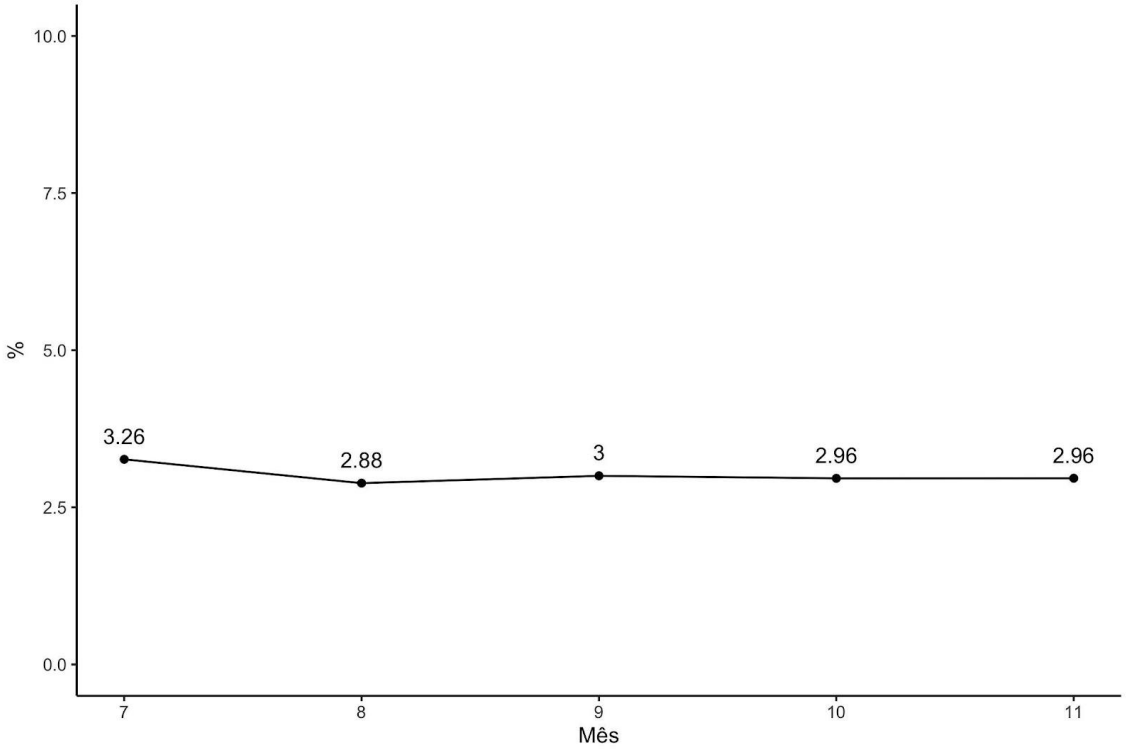
Neste contexto, esta seção mostra a evolução da taxa de desocupação no Brasil em 2020. A linha no gráfico nos mostra a evolução da taxa de desocupados durante os meses de maio a novembro. O comportamento dessa linha é mais acentuado de forma ascendente entre os meses de maio a julho do presente ano. Após o mês de agosto a evolução é estabilizada apesar do crescimento ainda continuar positivo. Em novembro a taxa atinge seu ápice, alcançando seu maior valor (14,2%).

Gráfico 1 - Taxa de desocupação no Brasil entre os meses de maio a novembro de 2020.



Fonte: PNAD-COVID - IBGE, dados coletados em março de 2021.

Gráfico 2 - Estimativas de desocupados com diagnóstico de depressão no Brasil.



Fonte: PNAD-COVID - IBGE, dados coletados em março de 2021.

Chama atenção esse gráfico, pois, a diferença de magnitudes quando os dados são desagregados é visível. Quanto à magnitude apresentada pelo diagnóstico de depressão entre as mulheres, o ponto onde atinge a maior diferença é no mês de setembro chegando a 2,7 pontos percentuais a mais em relação aos homens.

Tabela 2 - Estimativa de desocupados com diagnóstico de depressão no Brasil, por sexo.

Meses	Masculino (%)	Feminino (%)	valor-p
7	1,96	4,53	0,008
8	1,64	4,08	
9	1,6	4,3	
10	1,65	4,15	
11	1,72	4,09	

Fonte: Elaboração própria com dados da PNAD-COVID, IBGE.

Tabela 3 - Estimativa de diagnóstico de depressão entre desocupados no Brasil em 2020, por cor/raça.

Meses	Amarela (%)	Branca (%)	Indígena (%)	Pardo (%)	Preta (%)	valor-p
7	3,28	4	1,14	2,7	3,3	0,02
8	2,65	3,57	5,26	2,31	2,99	
9	4,89	3,98	5,64	2,28	2,82	
10	3,22	4,04	4,25	2,21	2,8	
11	2,41	3,84	2,72	2,4	2,78	

Fonte: PNAD-COVID - IBGE, dados coletados em março de 2021.

Observamos a variação desse percentual de diagnóstico por Cor/Raça percebemos que o pico da série temporal é maior para pessoas Indígenas (5,64%) e pessoas amarelas (4,89%).

Tabela 4 - Estimativa de diagnóstico de depressão entre desocupados no Brasil em 2020, por idade.

Meses	15 - 24 (%)	25 - 34 (%)	35 - 49 (%)	50 - 64 (%)	65 + (%)	valor-p
7	2,13	3,18	4,08	4,62	5,24	0,0003
8	1,77	2,97	3,49	4,55	4,25	
9	2,01	2,68	3,8	4,54	4,78	
10	1,8	2,74	3,76	4,88	4,84	
11	1,83	2,59	4,05	4,56	3,75	

Fonte: PNAD-COVID - IBGE, dados coletados em março de 2021.

A idade é uma desagregação importante. Subdivididos em 5 grupos, podemos observar que o mais afetado corresponde aos 65+ chegando a representar 5,24% dos

trabalhadores com diagnóstico de depressão. Seguido pelo grupo na faixa etária entre os 50 e 64 anos que apresenta as maiores taxas com nenhuma variação de redução significativa.

DISCUSSÃO

Conforme apontado pelos resultados do estudo, o nível de desemprego durante a pandemia da COVID-19 evoluiu acentuadamente. Entre o final de março de 2020 até meados de abril do respectivo ano, cerca de 25 milhões de pessoas perderam o seus empregos em decorrência da pandemia, principalmente, como reflexo das medidas adotadas para a redução do contágio da doença. Diante disso, ainda não se tem conhecimento de quando e quão rápido as medidas adotadas para conter a pandemia irão diminuir e, assim, haver a reestruturação econômica, com o aumento dos níveis de contratações (PETROSKY-NADEAU; VALLETTA, 2020).

Segundo Petroski-Nadeau e Valletta (2020) que analisam a trajetória de desempregados durante a pandemia, de uma perspectiva pessimista as taxas não podem voltar a diminuir até findar o ano de 2021.

Desordens mentais, como a depressão, são associadas frequentemente com fatores socioeconômicos, onde o aumento do desemprego, dificuldades financeiras, endividamento e problemas relacionados ao trabalho podem resultar no desenvolvimento de problemas de saúde mental, além da depressão, também pode ocorrer perturbações de ansiedade, abuso de substâncias e comportamento suicida pelo aumento do desemprego (COELHO et al., 2020).

A depressão está como um dos problemas mais observados durante a pandemia. O cenário é preocupante, pois não mostra nenhum tipo de intervenção para redução ou prevenção desse diagnóstico, tornando a variação permanente (TORALES et al., 2020).

Ainda, há alguns fatores que podem influenciar no adoecimento mental, como ser do gênero feminino, possuir um nível socioeconômico baixo e ter conflitos intrapessoais, além de fazer bastante uso das mídias sociais e possuir baixo suporte emocional (TORALES et al., 2020).

Gênero é uma variável que importa e afeta os sintomas de depressão que são desenvolvidos durante a pandemia (WANG et al., 2020). Isso implica necessariamente no fato de que as mulheres são o grupo que mais sofre depressão quando comparada aos homens dentro do contexto de desocupação durante a pandemia. Ansiedade e transtornos

depressivos são mais prevalentes entre as mulheres (ALEXANDER et al., 2007) e elas são as mais afetadas durante períodos pandêmicos (KIM et al., 2014).

Em relação à cor/raça mais acometida pela depressão dentre os trabalhadores, não é uma novidade que isso seja visível no Brasil. Outros estudos sobre o tema, fora do brasil, não leva em consideração a variável Raça/Cor, no entanto, para nós é fundamental levá-la em consideração, pois, o mercado de trabalho, em especial no Brasil, é fortemente afetado, assim a distribuição tanto empregado como desempregado não aleatória nessa variável.

Segundo WANG et al. (2020) é significativo que se compararmos pessoas abaixo de 40 anos de idade com pessoas acima de 40 anos de idade, a probabilidade de existir risco de depressão e ansiedade é maior.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do pressuposto, evidencia-se a associação do desemprego com o acometimento por desordens mentais, como ansiedade e depressão, sendo algo mais predominante em mulheres de baixa renda, ainda, ao refletir na pandemia da COVID-19, e na alta de desemprego que esta gerou, visualizamos uma predominância de casos de depressão, principalmente, em usuários de redes sociais, que visualizam muitas notícias a respeito da pandemia e dos inúmeros óbitos associadas a esta.

Outrossim, o abuso de substâncias e comportamento suicida pelo aumento do desemprego durante a pandemia foi algo evidenciado também, em especial, para aqueles que não possuem um bom suporte emocional

REFERÊNCIAS

ALEXANDER, J. L. et al. Women, anxiety and mood: A review of nomenclature, comorbidity and epidemiology. **Expert Review of Neurotherapeutics**, v. 7, n. suppl. 11, p. S45–S58, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1586/14737175.7.11s.S45>. Acesso em: 01 Abr. 2021.

ANTUNES, R. Trabalho e precarização numa ordem neoliberal. *In:* GENTILI, P. **A cidadania negada: políticas de exclusão na educação e no trabalho.** Buenos Aires: CLACSO, 2000. p. 35-48.

BITENCOURT, S. M.; ANDRADE, C. B. Trabalhadoras da saúde face à pandemia: por uma análise sociológica do trabalho de cuidado. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 26, n. 3, p. 1013-1022, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/csc/v26n3/1413-8123-csc-26-03-1013.pdf>. Acesso em: 24 Mar. 2021.

COSTA, S. S. Pandemia e desemprego no Brasil. **Revista de Administração Pública,** v. 4, n. 4, p. 969-978, 2020. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rap/article/view/81893/78113>. Acesso em: 24 Mar. 2021.

HOPKINS, J. Johns Hopkins University & Medicine [homepage na internet]. **Coronavirus Resource Center.** Disponível em: <https://coronavirus.jhu.edu/map.html>. Acesso em: 24 Mar. 2021.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Desemprego.** Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/explica/desemprego.php>. Acesso em 25 Mar. 2021.

KIM, S. J. et al. Community-based risk communication survey: Risk prevention behaviors in communities during the H1N1 crisis, 2010. **Osong Public Health and Research Perspectives**, v. 5, n. 1, p. 9–19, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.phrp.2013.12.001>. Acesso em: 01 Abr. 2021.

PETROSKY-NADEAU, N.; VALLETTA, R. G. Unemployment paths in a pandemic economy. **IZA - Institute of Labor Economics**, 2020. Disponível em: <https://www.frbsf.org/wp-content/uploads/sites/4/wp2020-18.pdf>. Acesso em: 01 Abr. 2021.

PNAD - COVID-19. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - Coronavírus disease 2019. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE.** Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/investigacoes-experimentais/estatisticas-experimentais/27947-divulgacao-mensal-pnadcovid2.html?edicao=29765&t=o-que-e>. Acesso em 25 Mar. 2021.

RAIFMAN, J.; BOR, J.; VENKATARAMANI, A. Association Between Receipt of Unemployment Insurance and Food Insecurity Among People Who Lost Employment During the COVID-19 Pandemic in the United States. **JAMA Network Open**, v. 4, n. 1, e2035884, 2021. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7846943/>. Acesso em: 24 de março de 2021.

RAONY, I. et al. Psycho-Neuroendocrine-Immune Interactions in COVID-19: Potential Impacts on Mental Health. **Frontiers in Immunology**, v. 11, 2020. Disponível em: <https://www.frontiersin.org/articles/10.3389/fimmu.2020.01170/full>. Acesso em: 24 de março de 2021.

SHADER, R. I. COVID-19 and Depression. **Clinical Therapeutics**, v. 42, n. 6, p. 962-963, 2020. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7184005/>. Acesso em: 24 de março de 2021.

TORALES, J. et al.The outbreak of COVID-19 coronavirus and its impact on global mental health. **International Journal of Social Psychiatry**, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0020764020915212>. Acesso em: 01 Abr. 2021.

WANG, Y. et al. Study on the public psychological states and its related factors during the outbreak of coronavirus disease 2019 (COVID-19) in some regions of China. **Psychology, Health & Medicine**, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/13548506.2020.1746817>. Acesso em: 01 Abr. 2021.

Recebido em: 03/07/2022

Aprovado em: 05/08/2022

Publicado em: 10/08/2022